

# **A POSIÇÃO EPISTEMOLOGICA DE NORBERT ELIAS E AS GRANDES NARRATIVAS: UMA MUDANÇA PARADIGMATICA.**

**NORBERT ELIAS' EPISTEMOLOGICAL POSITION AND THE GRAND NARRATIVES: A PARADIGMATIC SHIFT.**

**Hélio Gois Ferreira Neto<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O artigo sustenta argumentativamente que a posição epistemológica de Norbert Elias se mostra dentre as disponíveis, em uma perspectiva ocidental, como a mais adequada a uma análise de grandes narrativas como a que trata da experiência humana na terra, ou outras questões de grande envergadura como a paz e a guerra. Isto porque supera posições individualistas como as de Kant, situando o ser humano no interior de um mundo e explicando a evolução e o desenvolvimento de suas funções cognitivas; explica como se dá o fenômeno do “significado”, que as teorias da linguagem têm frequentemente dificuldade de enfrentar; e confere, por seu distanciamento, a possibilidade de se compreender o ser humano, quer sob uma perspectiva biologia-darwinista, quer sob uma perspectiva que sugira descontinuidade ontológica do processo evolutivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grandes narrativas. Epistemologia. Teoria do conhecimento. Teoria da verdade. Teoria simbólica. Processo civilizador.

**ABSTRACT:** The article sustains that the epistemological position of Norbert Elias is amongst the available ones, in a western point-of-view, as the most suitable for analyzing grand narratives such as the one dealing with the human experience on Earth, or other major questions as peace and war. This is so because it overcomes individualist conceptions as the one from Kant, placing the human being in a world and explaining the evolution and development of its cognitive functions; it explains how the phenomenon of “meaning” happens, that language theories frequently present difficulty to deal with; and it confers, due to its distancing, the possibility of understanding the human being, may it be under a biologic-darwinist perspective, may it be under a perspective that suggest an ontological non-continuity of the evolutionary process.

**KEYWORDS:** Grand narratives. Epistemology. Knowledge theory. Truth theory. Symbolic Theory. Civilizational process.

## **INTRODUÇÃO**

Nos seres humanos o pensamento conceitual e a capacidade de conhecer e transmitir conhecimento entre gerações sem depender exclusivamente da genética é considerada uma característica da espécie.

No campo da epistemologia foram formuladas teorias que buscam determinar a origem desse conhecimento indagando se essa origem se dá na mente ou na experiência.

---

<sup>1</sup> Mestrando em direito constitucional pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em direito público pela Universidade Federal do Ceará. Graduado em Direito pela Universidade de Fortaleza.

Assumir tais posições implica em desdobramentos significativos que determinam ou orientam desde o que se entende por *verdade*, até detalhes pontuais nos mais diversos níveis de síntese em que o ser humano opera.

Entre os extremos teóricos do *racionalismo* e do *empirismo* há posições intermediárias como o *intelectualismo* e o *apriorismo*.

O *apriorismo* ganhou destaque na filosofia ocidental por colocar em evidência que o conhecimento não está só no sujeito, ou melhor, na mente do sujeito – *racionalismo* -, nem exclusivamente no objeto, ou na experiência – *empirismo* -, mas, também, na *relação* entre o sujeito e o objeto. Contribuiu de alguma forma a favor do sucesso do *apriorismo* o fato deste não assumir pressupostos problemáticos como o cosmológico-metafísico, nem uma construção psicológica-metafísica. Assim, na filosofia ocidental, falar de origem do conhecimento após o *apriorismo* de Kant implica em alguma medida falar acerca da *relação* entre sujeito e objeto.

Apesar de em determinado momento o *apriorismo* ter se mostrado ou se saído melhor do que o *intelectualismo* aristotélico como posição que mediava o racionalismo e o empirismo findou em um “beco sem saída intelectual”. Isso por várias razões como, p.ex. problemas com a noção de *tempo* e *espaço*, dois de seus *a priori*s; o seu foco extremamente individualista, pois, é sempre “o sujeito” que conhece, etc. Tudo isso se mostrou bem desafiável.

Que “sujeito” é esse que conhece? É imperioso observar que esse “sujeito cognoscente” não é exatamente o mesmo agricultor de 10.000 a.C., o conquistador de 384 a.C., o religioso ou colonizador de 1499 d.C., o secularizado de 1649, o mesmo devastado de 1945, ou que enfrenta crises econômicas 1970, ou unificado 1989, ou globalizado de 2001, ou o neo-humano virtualizado de 2014, metade homem, metade *smartphone*.

Se o conhecimento depende em grande medida “do sujeito”, e se “o sujeito” não é o mesmo, que “sujeito cognoscente” é esse que se deve usar?

Mesmo que se diga que o “sujeito” não tenha “mudado muito” em termos biológicos desde p.ex. sua fixação à terra, diferentes “sujeitos cognoscentes” estiveram inseridos em diferentes unidades de sobrevivência v.g. tribos e clãs, que moldaram-no; e, estas unidades de sobrevivência por sua vez suplantaram-se, foram absorvidas, identificaram-se, unificaram-se sob o manto de uma religião, fragmentaram-se, tornaram-se Estados nacionais, que por vezes uniram-se, fragmentam-se, uniram-se novamente, isso tudo para dar a idéia da “pulsão” que enfim moldaram em processo e em fluxo e de forma diferente este “sujeito que conhece”.

Os *objetos* por sua vez “são criados” para satisfazer as necessidades dos homens. Bem por isso são igualmente problemáticos. Pois, o *fim* é determinado não só por eles por meio de

suas potencialidades instrumentais, mas, também pelo homem e pela sociedade em que estão inseridos que podem ter em diferentes pontos de seu processo civilizatório compreensões diferentes ou mesmo uma “descompreensão” do mesmíssimo objeto.

E não é só o sujeito e o objeto que são modificados pela sociedade em que estão inseridos, a própria *relação* entre eles também apresenta variação. O estudo epistemológico dessa relação pode ter como escopo compreensões mais amplas e argumentativas como as filosóficas, ou uma análise mais estrita e demonstrativa, como as científicas; pode ainda ter contornos dogmáticos, como as religiosas. São vários os “tipos” de conhecimento que se pode ter, segundo o foco dado nessa relação, que de alguma maneira opera segundo um *valor* – bem, verdade, santo, útil, belo...- que lhe serve de “tônica”.

Paralelamente a esse contexto, mas, visceralmente ligado ao problema do *conhecimento* está o da *verdade*. Cumpre observar que *conhecimento* e *verdade*, estão de certa forma sempre relacionados, afinal como saber se o que se conhece é verdadeiro?

Se o sujeito muda, se o objeto muda, e se a relação entre sujeito e objeto também muda, como é possível se posicionar, epistemologicamente, para conhecer e explicar a realidade da experiência humana na terra? Ou mesmo saber se a *paz*, em seu sentido mais amplo e comum, é biológica e politicamente possível, na medida em que em todos os tempos, em alguma parte, a *guerra* em um sentido amplo do termo sempre se fez presente.

Assim, a pergunta que esta investigação se propôs a responder é: como se posicionar diante de uma grande narrativa? Que ferramentas teóricas usar? E mais: como saber que o que se conhece é verdade? Que quadro teórico referencial responde a estas indagações?

A pesquisa conclui que a posição epistemológica proposta por Norbert Elias se mostra adequada para a observação de uma grande narrativa. Isto porque para a análise da questão, nos termos propostos por ele, são manejados não três, como Kant – sujeito, objeto, relação; não quatro, como Popper, mundos 1, 2, 3, e mais o observador; mas, cinco dimensões, tendo como marcos teóricos e pano de fundo a teoria simbólica e a teoria do processo civilizatório.

E, o que este artigo sustenta, argumentativamente, é que juntas, estas teorias, orientadas pelo Teoria da verdade de Susan Haack (*fundacoerentismo*) respondem melhor e com vantagens às indagações propostas mesmo se comparadas aos paradigmas neokantianos e popperianos, ou a outras propostas de análise de grandes narrativas (Hegel e Comte), que à época não contavam com os referenciais teóricos e práticos que hoje se dispõem.

Além disso, juntas, e devidamente norteadas, têm grande pontencial heurístico e mantêm entre si coerência interna, e, por fim, dão ao “sujeito” cognoscente uma posição de maior orientação e também de maior dignidade. É que embora o sujeito saiba que não sabe

tudo, sabe que o caminho que já foi trilhado o credencia como sujeito cognoscente/observador a dizer que sabe alguma coisa, já tendo consciência de que isso é um processo.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

A pesquisa concluiu que a posição epistemológica de Norbert Elias se mostra adequada à análise de grandes narrativas. Essa posição resulta do manejo de suas Teorias, simbólica e do processo civilizatório. A identificação deste arcabouço teórico de Elias se deu por sua adequação a uma Teoria da verdade denominada *fundacoerentismo*.

O *fundacoerentismo* tal qual a Teoria (da verdade) semântica de Tarski, de quem Popper se valeu para a estruturação de sua construção, se apresenta entre os extremos do *fundacionismo* e do *coerentismo*, mas, os dados e as análises feitas sugerem que o *fundacoerentismo* supera Teoria da verdade de Tarski, por ser mais plural.

Assim, o artigo é composto de quatro partes.

Em considerações iniciais, uma breve revisão de literatura, das posições epistemológicas que trataram da origem do conhecimento até as posições intermediárias do *intelectualismo* aristotélico, e do *apriorismo* kantiano. São destacadas as principais razões pelas quais a pesquisa afastou o *apriorismo* e se concentrou na posição aristotélica. Na segunda parte, expõe-se a relação de interferência entre posições epistemológicas em relação à origem do conhecimento e as diversas teorias da verdade, expondo um padrão. Na terceira parte, toma-se, dentro do elenco de Teorias da verdade, a que nesta quadra da existência humana se mostra a mais adequada para explicar a complexidade social, recaindo a escolha no *fundacoerentismo* de Susan Haack, de onde se partiu, e é trilhando o caminho inverso, ou seja, procurando uma posição epistemológica que com ele – *fundacoerentismo* - se adequasse e se mostra também adequada à observação de uma grande narrativa, determinando a escolha das Teorias simbólica e do processo civilizatório de Norbert Elias. Na quarta parte são expostos argumentos que sustentam estas opções e as conclusões.

## **PORQUE UM DISCURSO DE NATUREZA ARGUMENTATIVA?**

Opta-se por um discurso *argumentativo*, porque em relação a alguns pontos enfrentados por este artigo não há certezas, nem sequer indícios. Algumas dessas incertezas inviabilizam nesta quadra da trajetória humana discursos como *v.g. o analítico-demonstrativo*, para a análise de uma grande narrativa. Isso porque ainda não se conseguiu extreme de dúvidas p.ex. determinar como se deu o aparecimento do homem; ou como se dá a passagem

no ser humano do químico-biológico para o psicológico; e, por fim, por não existir uma teoria social capaz de promover uma explicação dos fenômenos sociais que seja unânime. Portanto, opta-se pelo discurso argumentativo para sustentar o manejo das Teorias de Norbert Elias como posição epistemológica adequada à análise da complexidade social.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O conhecimento após Kant é frequentemente identificado como “a relação” entre o sujeito e objeto. Isso foi desafiado pela pesquisa exatamente porque o levantamento de dados realizados sugerem que considerar apenas o ‘sujeito’, individualizado, sem considerar o “patrimônio” de idéias acumulado por gerações que invariavelmente são radicadas em cada sujeito, em uma determinada medida, torna o modelo kantiano - assim como qualquer outro que opere nestes moldes - ineficiente para o enfrentamento da compreensão da *performace* humana em uma narrativa que considere toda sua existência. Isto por faltar-lhe o pelo menos dois outros níveis de síntese: 1) o biológico-psicológico e o 2) o sociológico.

### 1.1 A ORIGEM DO CONHECIMENTO E O SUCESSO DO APRIORISMO

O *apriorismo* de Kant pretendeu por fim a uma questão de natureza epistemológica que remonta Platão e Aristóteles: o conhecimento tem origem na mente ou na experiência?

A primeira posição sustenta que a fonte e o fundamento do conhecimento é o pensamento e a razão, exclusivamente. Essa é uma posição que recebe na epistemologia em geral a denominação de *racionalismo*, e pressupõe que o que se conhece tenha “necessidade lógica” e “validade universal”. Platão, Plotino, Agostinho, Malebranche, Gioberti, Descartes, e Leibniz<sup>2</sup>, pertencem, com algumas variações, a essa linha de pensamento.

O *empirismo* é o ponto de vista oposto, e defende que a única fonte do conhecimento é a experiência. Usam a metáfora: “por ocasião do nascimento, o espírito humano está vazio de conteúdos, é uma tábula rasa, uma folha em branco sobre a qual a experiência irá escrever.” Esta concepção pode ser verificada nos sofistas e, após, nos estóicos e epicuristas. Também é a pauta do pensamento de Locke e Hume; indo além em John Stuart Mill.<sup>3</sup>

Posições há entre esses dois extremos. No *intelectualismo* há, de certa forma, uma dialeticidade entre essas posições; e o *apriorismo* passou ao largo da questão da origem do conhecimento, mas por outro lado, colocou em destaque a *relação* entre sujeito e objeto.

---

<sup>2</sup> HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.48.

<sup>3</sup> *Ibidem.*, p. 56-58.

O *intelectualismo* foi a tentativa de mediar as posições dizendo que ambas – razão e experiência - participam na formação do conhecimento

Esse ponto de vista foi desenvolvido já na antiguidade. Seu fundador foi Aristóteles. Com ele [*intelectualismo*] o racionalismo e empirismo chegam, de certo modo, a uma síntese. [...] Essa teoria será reorganizada na Idade Média por Tomás de Aquino. Sua tese fundamental diz: '*cognitio intellectus nostri tota derivatur a sensu*'. Inicialmente, recebemos das coisas concretas imagens sensíveis, *species sensibiles*. O *intellectus possibilis* recebe essas imagens e faz, então, juízos sobre as coisas. Dos conceitos essenciais assim formados obtemos, por meio de outras operações do pensamento, os mais altos e mais universais de todos os conceitos, como os contidos nas leis lógicas do pensamento. (Por exemplo, os conceitos de ser e de não-ser do princípio da não contradição.) Em última instância, portanto, mesmo os mais altos princípios do conhecimento estão fundados na experiência, pois nos apresentam relações entre conceitos que provêm da experiência.<sup>4</sup>

Outra tentativa de resolver o problema da origem do conhecimento, evitando aqueles extremos, deu-se com o *apriorismo*, que também considera que tanto a experiência quanto o pensamento são fontes do conhecimento. Cumpre observar que *intelectualismo* estaria mais próximo do *empirismo*; o *apriorismo*, mais próximo do *racionalismo*.<sup>5</sup>

Segundo o apriorismo, nosso conhecimento apresenta, como o nome dessa tendência já diz, elementos que *são a priori*, independentes da experiência. Essa também era decerto a opinião do racionalismo. Enquanto este, porém, considerava os fatores *a priori* como conteúdos, como conceitos completos, esses fatores são, para o apriorismo, de natureza formal. Eles não são conteúdos do conhecimento, mas formas do conhecimento. Essas formas recebem seu conteúdo da experiência.[...] Os fatores apriorísticos assemelham-se, num certo sentido, a recipientes vazios que a experiência vai enchendo com conteúdos concretos.<sup>6</sup>

O fundador desse apriorismo é Kant, que tentou mediar o racionalismo de Leibniz e Wolff e o empirismo de Locke e Hume. Kant diz que o material do conhecimento provém da experiência, enquanto a forma provem do pensamento. O pensamento produziria ordem ao caos que adviria das sensações, “conecta os conteúdos sensíveis uns aos outros e faz com que eles se relacionem”, o que ocorreria por meio das formas da *intuição* e do *pensamento*.<sup>7</sup>

Espaço e tempo são formas da intuição. A consciência cognoscente introduz ordem no tumulto das sensações na medida em que as ordena espacial e temporalmente na simultaneidade ou na sucessão. [...] Desse modo, a consciência constrói seu mundo de objetos.<sup>8</sup>

Kant sustenta que todos os conhecimentos do homem têm origem na experiência. Nenhum conhecimento antecede no tempo a experiência; todos começam por ela. Mas, ele

---

<sup>4</sup> HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003p. 61.

<sup>5</sup> *Ibidem.*, p.64.

<sup>6</sup> *Ibidem.*, p. 62.

<sup>7</sup> *Ibidem.*, p. 63.

<sup>8</sup> *Passim*.

indaga se existe mesmo algum conhecimento que não dependa da experiência e das impressões dos sentidos. Responde afirmativamente chamando-os de *a priori*, e diferem dos empíricos, cuja origem é *a posteriori*, ou seja, provenientes da experiência. Mas, é interessante observar que para ele o conhecimento *a priori* é oposto ao conhecimento empírico. E, ainda, divide os conhecimentos *a priori* em puros e impuros, asseverando que o conhecimento *a priori* puro é aquele que não necessita de nada de empírico.<sup>9</sup> A esse respeito, Norbert Elias assevera que é muito difícil um conhecimento que prescindia da experiência.

O que Kant fez foi ‘dividir’ o sujeito cognoscente; dissociou o indivíduo, que agora observava na mente do “sujeito dissociado”, *intuições* e *conceitos*; além de perceber também os *objetos* e a *relação* entre *sujeito* e *objeto*. Ele aumentou “uma dimensão” para ter “uma visão mais adequada” do que observava. O que ele fez, a rigor, foi separar o conhecimento em *mundos*, colocando o *antes* ‘sujeito cognoscente’ em posição *agora* de ‘observador’.

Ao que antes tinha duas dimensões, sujeito e objeto, foi acrescido um nível de ‘profundidade’; em outro giro: passou a operar em um nível com maior “distanciamento” e poder de síntese, que se dava agora neste “sujeito/observador”, que se mostra capaz de perceber, com seus *a prioris*, as nuances da relação entre “sujeito/observado” e o “objeto”.

Karl Popper, em uma outra quadra da trajetória humana, para explicar seus *Mundos* 1, 2, e 3, -- que em apertadíssima síntese poderia ser descritos com o mundo físico; mundo subjetivo; e o mundo objetivo --, de certa e específica maneira, operou de forma comparável ao expediente usado por Kant, de dissociar o sujeito. Só que Popper ao invés de dissociar “o sujeito” promoveu a divisão dos objetos que para ele tinham no indivíduo uma representação subjetiva (no mundo 2) mas, também, experimentavam uma objetivação (no mundo 3). Ou seja, já não é mais só o objeto mas, também, um objeto objetivado “na cultura”. É por isso que esse artigo sustenta que ele ganha, como Kant, com esse expediente profundidade e síntese na sua posição epistemológica.

Entretanto, posição epistemológica de Kant, findou em um “beco sem saída intelectual”. Por certo se mostrou bem eficaz e com grande potencial heurístico num primeiro momento, além de se mostrar compatível com a noção de verdade defendida, mas, isso não evitou sua superação, principalmente no que tange às “intuições” e, mais precisamente, às noções de *tempo* e *espaço*, baseadas, em grande medida, nas idéias de Newton, que serviram-lhe de quadro teórico, e que depois como se sabe mostraram-se bem problemáticas.

---

<sup>9</sup> Cf.: KANT, Immanuel. Crítica da razão pura.

Quando NEWTON, por exemplo, encampou as noções euclidianas de espaço e tempo, evidentes por si mesmas, sobre ela se construiu excelentes teorias, que o próprio KANT considerava irretocáveis. EINSTEIN, utilizando conceitos das geometrias não-euclidianas, revolucionou a Física com a noção relativista do espaço-tempo, que choca frontalmente com as evidências que o senso comum capta.<sup>10</sup>

Mas, não é só as noções de *tempo* e *espaço* que antes eram adequadas em momento posterior se mostraram equivocadas ou limitadas, um outro ponto foi o foco no indivíduo.

O foco no indivíduo, fruto da visão de mundo de sua época, e quiçá da “genealogia do poder” usando a expressão de Foucault, compromete a capacidade heurística do modelo para enfrentamento de questões mais complexas exatamente por considerar “o sujeito”, o indivíduo, sozinho, sem sua inserção dentro de p.ex. uma unidade de sobrevivência. E isso, no atual estágio do acúmulo de conhecimento e do processo civilizatório da humanidade, mesmo que não se considere “um erro”, “um equívoco”, torna sua construção teórica menos apta ao enfrentamento da questão que a pesquisa se propôs a responder não só porque deixam sem resposta uma grande número de indagações, mas, porque frequentemente se mostra mesmo inadequada ao enfrentamento de questões ou temas que ultrapassem a existência humana biológica, cultural, ou civilizatória.

Essencialmente, estas teorias preocupam-se com indivíduos completamente independentes e isolados. Uma pessoa imaginária desse tipo é considerada como sujeito do conhecimento. Por isso, no caso de merecer uma eventual atenção, a comunicação interpessoal através de uma língua desempenha, na melhor das hipóteses, um papel marginal nestas teorias.[...] Além disso, o conhecimento considerado como relevante nestas teorias é, quase exclusivamente, o conhecimento científico e, muitas vezes, o conhecimento dos físicos. [...] O quadro de referência não é a humanidade. A questão não é saber como os seres humanos, universalmente, adquirem conhecimento. A questão protótipo é o modo como um cientista adquire conhecimento da natureza por si próprio ou por si própria, independentemente de qualquer conhecimento que ele ou ela possa ter adquirido a partir de outros. Dado esse quadro centrado no indivíduo, é compreensível a escassa relevância da relação entre a linguagem e o conhecimento, da relação entre os meios de comunicação humana interpessoal e os meios de orientação humana.<sup>11</sup>

Mas, convém indagar: se a teoria de Kant se mostrava adequada ao conceito de verdade, como pode estar errada? Como, em uma teoria desta envergadura e popularidade, analisada por tantas mentes que se seguiram, algo pode ser considerado “verdade” e depois deixar de ser? Como se dá essa relação entre o conhecimento e a verdade?

---

<sup>10</sup> MARQUES NETO, A. R. **A ciência do direito: conceito, objeto, método**. 2.ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

<sup>11</sup> ELIAS, Norbert. *Teoria simbólica*. Oeiras: Celta Editora, 1994, p. 85-86.

## **2 UMA EXPOSIÇÃO ARGUMENTATIVA DAS TEORIAS DA VERDADE E DO CONHECIMENTO.**

O que se constata é que teorias sobre a origem do conhecimento estão intimamente relacionadas com as teorias sobre a verdade. Isso permite pela posição de uma determinar ou identificar possíveis posições da outra.

O que se está a afirmar, reduzindo, sintetizando e levando ao limite o argumento é que: para cada “conhecimento” há uma “verdade”. Ou melhor e mais especificamente: para cada Teoria epistemológica sobre a origem do conhecimento, há uma teoria da verdade correspondente que lhe serve de orientação.

No *apriorismo* de Kant a resposta para a pesquisa que se propõe não pode ser encontrada, pois isso, foi promovido um retorno ao *intelectismo* aristotélico para daí se proceder uma visualização necessária à identificação dos padrões entre posições epistemológicas em relação às origens do conhecimento e teorias da verdade.

Das Teorias da verdade que tiveram raízes em Aristóteles duas se enfrentaram “no centro”, entre extremos teóricos: a Teoria semântica de Tarski e o *fundacoerentismo* de Susan Haack.

O *fundacoerentismo* mostrou vantagens sobre a *Teoria semântica* de Alfred Tarski que, sabidamente, serviu de mote para a construção de Popper. E, pelas vantagens que, comparativamente ofereceu, serviu ponto para a determinação da posição epistemológica defendida pela construção teórica de Norbert Elias.

A Teoria de Elias reconhece que muitas vezes as ‘ciências’ humanas ‘amadurecem’ em diferentes períodos; isso é algo franco e rapidamente reconhecido bastando que se opere em um alto nível de síntese e se compare, por exemplo, a biologia, sociologia, a psicologia e a física. Isso também é reconhecido e também defendido pela Teoria da verdade de Susan.

O que se sustenta é que Teorias de Susan e de Elias são compatíveis e juntas operam ainda melhor que isoladas, pois, enquanto o *fundacoerentismo* usa a técnica de “*crossword puzzle*” para determinar a verdade, as Teorias de Elias (Simbólica e do Processo Civilizador) se prestam a ampliar a base de dados o que confere perspectiva ao modelo tornando-o mais sofisticado.

### **2.1 AS FORMAS DE SE RACIOCINAR, DESDE ARISTÓTELES.**

Antes de entrar em uma esquematização das teorias do conhecimento e encaixá-las nas teorias da verdade desde - e radicadas em - Aristóteles convém esclarecer que Aristóteles

percebe dois modos básicos de raciocinar: por demonstração analítica ou por argumentação dialética.

No quinto capítulo do Organon, reuniram-se os escritos de Aristóteles dedicados a uma específica forma de raciocínio, que parte de premissas meramente prováveis. O capítulo denominou-se Tópicos, e, logo na introdução, é estabelecido um paralelo entre o silogismo analítico e o dialético. O primeiro traduz numa demonstração fundada em proposições evidentes, que conduz o pensamento à conclusão verdadeira, sobre cujo estudo se alicerça toda a lógica formal; o outro se expressa através de um argumento sobre enunciados prováveis, dos quais se poderiam extrair conclusões apenas verossímeis, representando uma forma diversa de raciocinar. Evidentes, para Aristóteles são as proposições que por si mesmas garantem a própria certeza, ao passo que prováveis são as que enunciam opiniões aceitas por todos, pela maioria ou pelo sábios – em especial, entre esses últimos, pelos “mais notáveis e ilustres”. Não se nota no pensamento aristotélico, qualquer sugestão de hierarquia entre essas duas maneiras de raciocínio: elas não se excluem mutuamente, não se sobrepõem, não substituem uma à outra.<sup>12</sup>

De fato, não se substituem uma à outra, mas, os dados coletados na pesquisa mostram que, em alguma medida, se completam; e mais: onde uma falha, a outra parece ser ativada, e algumas evidências sugerem o inverso também. Isso porque, nas rotinas do cérebro em foco, “o vazio”, “o hiato” em relação à certezas é, invariavelmente e de alguma forma, preenchido; seja por mitos, seja por metáforas com conceitos que sejam mais familiares, etc.

### ***2.1.1 Porque argumentação dialética? Essa forma de raciocinar é adequada à análise de posições epistemológicas e teorias da verdade? Partindo de que acordos?***

Conhecer as formas básicas de se raciocinar e as rotinas do cérebro facilita a percepção de quando se está demonstrando e quando se está argumentando, e os limites destas sendas. Essa percepção é também de grande utilidade para se promover a escolha da forma de se raciocinar na medida em que a forma de se raciocinar acaba sendo determinada pelos dados que se dispõe, pois, se não há dados suficientes para uma *demonstração*, existindo um acordo em relação a alguns dados é possível se *argumentar* e chegar dessa forma a resultados verossímeis.

Tais considerações são importantes quando se tem que escolher a maneira adequada de abordar uma esquematização condensada das teorias do conhecimento. Isso porque, o conhecimento não se desenvolve entre as ‘ciências’ de modo uniforme. E bem por isso, uma análise de tal envergadura não permite um raciocínio demonstrativo, seja porque são várias as incógnitas, seja porque se dispõe apenas de dados que são ‘fruto’ da eliminação mental de

---

<sup>12</sup> COELHO, Fabio Ulhoa. **Prefácio**. In: PERELMAN, CHAÏM. **Tratado da Argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

todas as outras possibilidades, ou mesmo dados que ainda não se mostram “maduros”, aptos apenas a funcionarem como ‘tópicos’ (*topoi*).

Neste ponto é importante destacar que em cada construção teórica seja ela “macro” como explicações acerca do *Big bang* ou “micro” como *string theory* são usados os materiais então disponíveis, que são a depender do lugar e do período e são muitas vezes “rústicos” e que só exigem criatividade para compensar as imperfeições. Não é raro, mesmo na física, o uso frequente de metáforas e imagens senão como forma de mitigar as falhas como preenchimento “de hiatos” quando não se tem certeza, ou se está em uma fase incipiente do que se trata; e isso, mais uma vez, sustenta a validade do discurso dialético-argumentativo ao lado do discurso analítico demonstrativo.

A capacidade humana para produzir fantasias nas respostas às questões possui um valor de sobrevivência que não é inferior ao da sua capacidade para descobrir o que se designava de verdade. De fato a fantasia é irmã gêmea da razão. As duas são, especificamente, ramos humanos do mesmo tronco. O tronco é a aptidão dos seres humanos para formar padrões sonoros que para os membros de um grupo linguístico, representam simbolicamente o mesmo objecto de comunicação. [...] Usemos como ponto de partida básico a concepção, por um lado, de uma ideia imaginativa e inovadora e, por outro lado, da sua congruência com a realidade. Ambas são indispensáveis. Além disso, contribuí para a unificação das teorias de áreas da existência humana que são geralmente classificadas como separadas ou mesmo independentes como é o caso da linguagem, do conhecimento e do pensamento. Ao fazê-lo, são abertos à investigação problemas que, no melhor dos casos, eram formulados de modo vago e marginal e que, até agora, não era possível abordar com segurança, por exemplo a questão do relacionamento entre a fala e o pensamento.<sup>13</sup>

Mas, na medida em que a justificativa que se defende é de natureza argumentativa, cumpre alguns acordos iniciais, que partem do que se acredita verossímil e que, por isso, servem, como *tópicos*, de fundamento para o que se sustenta.

### ***2.1.1 Do acordo argumentativo em relação às certezas***

Diante de tantas incertezas que se deu notícia na introdução, parte-se de algo que este artigo pressupõe como certo:

I - Ainda que não se tenha uma certeza inexorável de como efetivamente o homem conhece, o fato é que ele conhece.

II - *Homo sapiens sapiens* sintetiza, como dito, a nota característica de sua espécie. A possibilidade de formar pensamento conceitual, conhecer, saber que conhece, e ainda, transmitir esse conhecimento – sem ter que a cada geração voltar ao mesmo “ponto de partida” – é, destarte, identificada como o grande diferencial do ser humano em relação aos

---

<sup>13</sup> ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994, p. 75-81

demais seres; e, que esse “conhecimento”, ao lado de modificações genéticas, que sabidamente também lhe moldaram ao longo de sua trajetória – posição já bem estruturada nas ciências biológicas --, parecem favorecer enormemente à sua sobrevivência, como indivíduo ou coletivamente.

III - o fato do homem ter, até agora, sobrevivido; o que autoriza a pesquisa a supor por inferência que: a) que aquilo que o homem percebe e conhece corresponde a uma leitura e interpretação do mundo que o envolve, no mínimo, eficaz; b) que esta percepção e conhecimento opera com maior ou menor precisão, ora determinado por seu viés biológico, ora por seu viés cultural; e, c) o que se afirma nestas sentenças é, pelo menos, verossímil; e, por isso, passível de argumentação.

E, argumenta-se que, bem por isso, é preferível uma argumentação verossímil ao vazio e à lacuna não preenchida; até porque, é assim que se dá as rotinas do pensamento que há muito são especuladas tanto pela filosofia quanto pela ciência e que atualmente a neurobiologia anda a investigar e colher os primeiros resultados ‘mesuráveis’ ou demonstráveis, que poderão inclusive demonstrar o que neste ponto se argumenta.

## **2.2 TEORIAS DA VERDADE E TEORIAS SOBRE A ORIGEM DO CONHECIMENTO. UMA RELAÇÃO DE INTERFERÊNCIA.**

Várias foram as tentativas de se estruturar um modelo teórico que explique o conhecimento e todos os desdobramentos que até agora esta pesquisa já deu notícia.

Este artigo já sustentou de forma subjacente que é muito difícil estruturar por exemplo duas formas diferentes de olhar o mundo, duas *visões de mundo*, e exigir que ambas tenham o mesmo critério para aferição do que é verdadeiro; talvez por isso a ligação umbilical que se observa entre as categorias epistemológicas da *origem do conhecimento* e da *verdade*. Pois, uma das questões significativas, quiçá a primeira questão que se tem que resolver no que tange à investigação epistemológica acerca da origem do conhecimento é: “como é que uma pessoa pode jamais estar segura de que a resposta que foi encontrada para uma questão é a resposta correcta ou — na linguagem clássica — a resposta verdadeira?”<sup>14</sup> [...] e, ainda assim, confiar no que percebe?

A verdade, portanto, como a razão, está na História e é histórica. Também as transformações internas à própria Filosofia modificam a concepção da verdade. A teoria da verdade como correspondência entre coisa e idéia, ou fato e idéia, liga-se à concepção realista da razão e do conhecimento, isto é, à prioridade do objeto do conhecimento, ou realidade, sobre o sujeito do conhecimento. Ao contrário, a

---

<sup>14</sup> ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994, p. 15.

concepção da verdade como coerência interna e lógica das idéias ou dos conceitos liga-se à concepção idealista da razão e do conhecimento, isto é, à prioridade do sujeito do conhecimento ou do pensamento sobre o objeto a ser conhecido.

As concepções históricas e as transformações internas ao conhecimento mostram que as várias concepções da verdade não são arbitrárias nem casuais ou acidentais, mas possuem causas e motivos que as explicam, e que a cada formação social e a cada mudança interna do conhecimento surge a exigência de reformular a concepção da verdade para que o saber possa realizar-se. As verdades (os conteúdos conhecidos) mudam, a idéia da verdade (a forma de conhecer) muda, mas não muda a busca do verdadeiro, isto é, permanece a exigência de vencer o senso-comum, o dogmatismo, a atitude natural e seus preconceitos. É a procura da verdade e o desejo de estar no verdadeiro que permanecem. A verdade se conserva, portanto, como o valor mais alto a que aspira o pensamento.<sup>15</sup>

### ***2.2.1 Teorias da verdade até aristóteles***

Até Aristóteles, as teorias da verdade derivavam, como observa Marilena Chauí<sup>16</sup> das diferentes concepções vindas das línguas grega, latina e hebraica. Na primeira teoria (aletheia/correspondência), as coisas e as idéias são consideradas verdadeiras ou falsas; na segunda (veritas/coerência) e na terceira (emunah/consenso), os enunciados os argumentos e as idéias é que são julgados verdadeiros ou falsos; Chauí ainda aponta uma quarta (pragmática), em que são os resultados que recebem a denominação de verdadeiros ou falsos.

Na primeira e na quarta teoria, a verdade é o acordo entre o pensamento e a realidade. Na segunda e na terceira teoria, a verdade é o acordo do pensamento e da linguagem consigo mesmos, a partir de regras e princípios que o pensamento e a linguagem deram a si mesmos, em conformidade com sua natureza própria, que é a mesma para todos os seres humanos (ou definida como a mesma para todos por um consenso). Marilena Chauí relaciona assim a verdade a três tempos passado, presente e futuro.<sup>17</sup> E diz que na Teoria pragmática, para a qual um conhecimento é verdadeiro por seus resultados e suas aplicações práticas, a marca do verdadeiro é a verificabilidade dos resultados.<sup>18</sup>

### ***2.2.2 Teorias da verdade que têm origem em Aristóteles; e, porque o fundacoerentismo e não a teoria semântica de Tarski?***

Como se verá mais à frente, a Teoria da verdade nominada por Susan Hacck de “fundacoerentismo” com sua técnica de “crosswords puzzle” atende à sua maneira, simultaneamente, a todas as exigências dos extremos teóricos em que está inserida e se

---

<sup>15</sup> ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994, p. 15

<sup>16</sup> CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000, p. 135 *et seq.*

<sup>17</sup> CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000, p. 128 *et seq.*

<sup>18</sup> Passim.

apresenta bem por isso como “ponto médio” entre as teorias que tiveram origem em Aristóteles. Isso tudo, aliada a uma aptidão prática considerável.

Fazendo um recuo às posições epistemológicas até depois de vencidas as fases dos extremos *racionalistas* e *empiristas* de que se deu notícia, ou seja, até o *intelectualismo* aristotélico e a partir daí, fazendo uma correlação com as Teorias da verdade, se evidenciou mais nitidamente padrão que se mostrou determinante para a resposta à pergunta desta pesquisa.

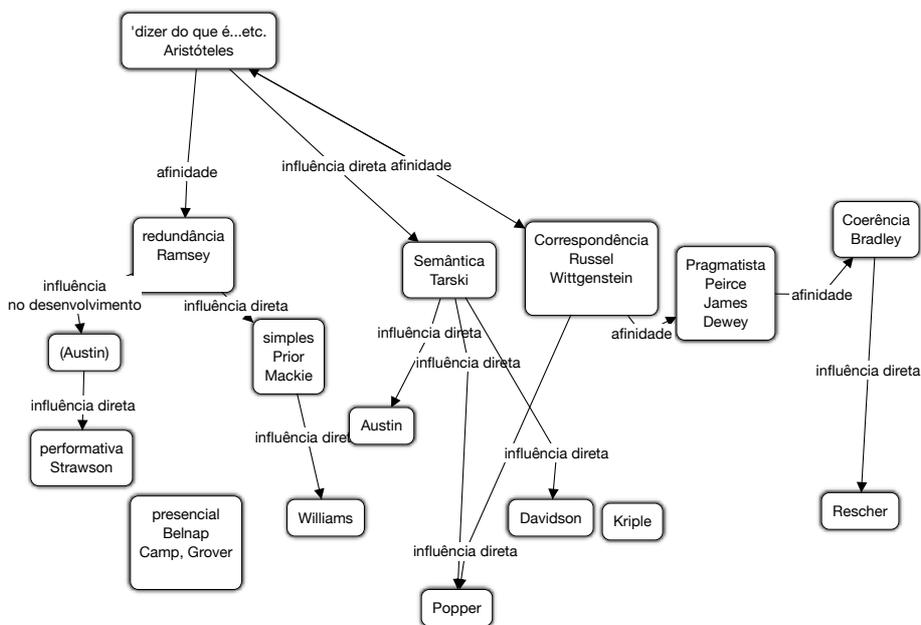
Para cada posição epistemológica há uma teoria da verdade correspondente.

A hipótese que inicialmente se formulou e que restou confirmada é que: se para cada teoria do conhecimento (x), há uma teoria da verdade (y) .'. é possível, sabendo (x) determinar (y).

Esta interrelação se mostrou interessante na medida em que não se tem uma teoria da verdade adequada para se trabalhar uma grande narrativa e não se sabe a posição epistemológica mais adequada para tanto.

Depois de Aristóteles, o que se tem, em relação a Teorias da verdade, que nele são radicadas, é:

Figura 1: Teorias da verdade radicadas em Aristóteles.



Fonte: Susan Haack, *Filosofia das lógicas* (2002)<sup>19</sup>

<sup>19</sup> HAACK, Susan. **Filosofia das lógicas**. São Paulo: Unesp, 2002. p.178.

A construção teórica de Karl Popper foi considerada como possível resposta à investigação desta pesquisa, e ela apresenta como critério de verdade a Teoria semântica de Tarski. Mas, tanto Teoria de Popper se mostrou menos eficiente para a análise que se propõe do que a de Norbert Elias, quanto a o *fundacoerentismo* de Haak superou Teoria Semântica de Tarski. A Teoria Semântica de Tarski por seu desenho e posição que defende se propõe a ser, assim como o “*fundacoerentismo*” de Susan Haack, um ponto médio entre os extremos da coerência e da redundância e por isso neste ponto se faz uma análise mais detalhada do que sustenta.

### **2.2.2.1 Entre Taski e Haack: Haack.**

Para melhor localizar a teoria de Tarski é interessante cotejá-la com outras teorias da verdade. Teorias da verdade, que encontram sua raiz em Aristóteles, têm como extremos as seguintes posições: *Coerentismo* (Bradley, Neurath, Rescher, e Dauer); e *Teoria da verdade como redundância* (Ramsey). Enquanto o *coerentismo* justifica a crença nas partes por serem estas integrantes de um sistema coerente, a *teoria da verdade como redundância* “[...] afirma que ‘verdadeiro’ é redundante, pois dizer que é verdade que *p* é equivalente a dizer que *p*.”<sup>20</sup>

Segundo Susan Haack, outras teorias se apresentam entre estes extremos, v.g.: a) *Teoria da Correspondência* que “[...]entendem que a verdade de uma proposição consiste não em suas relações com outras proposições, mas em sua relação com o mundo, sua correspondência com os fatos” [Russel (1918), Wittgeinstein (1922), Austin (1950)] (p.127); e b) a *Teoria Pragmatista*[Pierce, Dewey, e James] que:

[...]tem afinidades tanto com as teorias da coerência quanto com as da correspondência, admitindo que a verdade de uma crença derive de sua correspondência com a realidade, mas enfatizando também que ela é manifestada pela sobrevivência da crença ao teste da experiência, sua coerência com outras crenças.<sup>21</sup>

A Teoria semântica da verdade de Alfred Tarski, que estaria entre a teoria da correspondência e a da redundância, diz que “[...]um enunciado numa determinada língua, [...] é verdadeiro se, e só se, corresponder aos factos. [...]A verdade, segundo a teoria de Tarski, não é por isso dependente da língua nem relativa à língua”<sup>22</sup>.

Aristóteles tinha observado que ‘dizer que é que ele não é, ou do que não é que ele é, é falso, enquanto dizer do que é que ele é, ou do que não é que ele não é, é verdadeiro’. Ao propor sua teoria semântica da verdade, Tarski procura explicar o sentido de ‘verdadeiro’ que esta máxima apreende. Na explicação de Tarski, a

<sup>20</sup> HAACK, Susan. **Filosofia das lógicas**. São Paulo: Unesp, 2002. p.127 *et seq.*

<sup>21</sup> *Passim*.

<sup>22</sup> POPPER, Karl. O mito do contexto. Em defesa da sociedade e da racionalidade. Lisboa: Edições 70, 2009. p.92.

verdade é definida em termo da relação semântica de satisfação, uma relação entre sentenças abertas (como 'x>y') e objetos não linguísticos (como os números 6 e 5). A teoria da verdade recentemente proposta por Kripke (1975) é uma variante daquela de Tarski, essencialmente modificada para dar conta dos paradoxos semânticos de uma maneira mais sofisticada." [...] "A explicação de Popper para a verdade e sua teoria da verossimilhança ou proximidade da verdade é baseada na teoria de Tarski, que Popper considera fornecer uma versão mais precisa das tradicionais teorias da correspondência."<sup>23</sup>

Ainda que traga um duplo aspecto, a teoria semântica sofre críticas.

Têm sido opostas críticas a Alfred Tarski que na base da sua definição de verdade, ele simplesmente lista os predicados atômicos e dá as suas condições de satisfação. Ao introduzir a relação *faz-verdadeira*, que acrescenta cláusulas para o maquinário recursivo de Tarski, reduzimos o número de predicados (e assim, de forma derivada, de verdades) que devem simplesmente ser listados. [...] Como é que o próprio Tarski tem manejado evitar falar da realidade? Ele não oferece uma definição de S como verdade no mundo W e, em seguida, acrescenta aquele W1, que é o mundo real. Ele simplesmente passa a oferecer uma definição operacional de S's como verdadeira (*simpliciter*).<sup>24</sup> (Tradução nossa)

Nozick sustenta que para entender a teoria da verdade de forma correta e com a devida profundidade se requer bem mais que a mera habilidade de declarar verdades acerca de estados particulares, "requer um conhecimento das relações de dependência finais, e dos fatores explicativos e ontológica finais. Uma teoria da verdade, portanto, surge mais perto do fim da inquirição do que ao seu começo."<sup>25</sup> É possível que o que se apresenta como crítica à Tarski tenha origem em uma distinção – entre *definições* de verdade e *critérios* de verdade – cujo o enfrentamento de uma teoria da verdade é imprescindível.

É comum fazer uma distinção [...] entre definições de verdade e critérios de verdade. A idéia, de modo geral, é que enquanto uma definição dá o significado da palavra 'verdadeiro' um critério fornece um teste por meio do qual se diz se uma sentença (ou o que quer que seja) é verdadeira ou falsa – como, por exemplo, pode-se distinguir, de um lado, fixar o significado de 'febril' como ter uma temperatura mais alta que algum ponto dado e, de outro, especificar procedimentos para decidir se alguém está febril. É preciso lidar com essa distinção com cuidado. Desconfianças podem surgir em razão da existência de acordo sobre que teorias da verdade são consideradas definicionais, e quais são tidas como criteriosais: por exemplo, enquanto o próprio Tarski renuncia a qualquer interesse de fornecer um critério de verdade, e Popper vê como uma vantagem da teoria semântica que ela seja definicional, e não criterial, Mackie considera que a teoria de Tarski aspira a fornecer um critério – e a critica por isso.<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> HAACK, Susan. **Filosofia das lógicas**. São Paulo: Unesp, 2002, p.129.

<sup>24</sup> NOZICK, Robert. **Invariances. The structure of the objective world**. Cambridge: Harvard University Press, 2001. p. 72-73.

<sup>25</sup> *Ibidem.*, p. 74.

<sup>26</sup> HAACK, Susan. *Op. cit.*, São Paulo: Unesp, 2002. p.130.

A teoria de Tarski, a despeito da crítica de Mackie, tem a proposta de ser neutra. “[...] Tarski não se considera dando uma versão da teoria da correspondência, e sua condição de adequação material é neutra em relação à correspondência e outras definições.”<sup>27</sup>

Tarski enfatiza que a verdade pode ser definida apenas relativamente a uma linguagem – o que ele define não é ‘verdadeiro’ (e ponto final), mas ‘verdadeiro-em-O’. [...] Neste sentido, portanto, a definição de Tarski não é uma definição absoluta de verdade, mas relativa. [...] Tarski expressamente repudia a aspiração de fornecer um critério de verdade [...]”<sup>28</sup>

Mas, não será a noção de verdade em Tarski uma noção relativa? Popper diz que:

A resposta é esta pergunta é não. A teoria de Tarski diz que um enunciado em uma determinada língua, por exemplo, o inglês, é verdadeiro se, e só se, corresponder aos factos. A teoria de Tarski implica, ainda, que sempre que haja uma outra língua, por exemplo o francês, na qual possamos descrever o mesmo facto, então o enunciado em francês que descreve o mesmo facto será verdadeiro se, e só se, o correspondente enunciado inglês for verdadeiro. [...] A verdade, segundo a teoria de Tarski, não é por isso dependente da língua nem relativa à língua. Só se faz referência à língua devido à possibilidade pouco provável, mas trivial, de haver a possibilidade de existirem os mesmos sons ou símbolos em duas línguas diferentes que descrevam dois factos totalmente distintos.<sup>29</sup>

De acordo com Popper, Tarski forneceu exatamente aquilo que estava faltando nas teorias tradicionais de correspondência – um sentido exato para ‘corresponde’ [...] <sup>30</sup>; acerca desta questão, se mostram pertinentes as observações de Susan Haack aos comentários de Popper

[...]o que ele especificamente tem em mente [quando entende a teoria de Tarski como objetiva] é a insistência de Tarski na necessidade de uma metalinguagem na qual se pode tanto referir a expressão da linguagem-objeto quanto dizer o que a linguagem-objeto diz.<sup>31</sup>

Mas, segundo a análise de Haack,

[...]parece ser uma razão bastante inadequada para tomar a teoria de Tarski como uma teoria da correspondência, pois a condição de adequação material, embora seu papel seja de eliminar algumas definições, certamente não identifica a teoria da correspondência como unicamente correta. Presumivelmente, ela permite, por exemplo, uma definição de redundância como a de Mackie.”<sup>32</sup>

Mas, que valia teve para Popper sustentar uma posição que coloca a teoria semântica da verdade de Tarski como uma teoria material? Ao que parece, sendo Popper ‘*absolutista falibilista*’, *falibilista* por negar qualquer método garantido de adquirir conhecimento, e

<sup>27</sup> HAACK, Susan. **Filosofia das lógicas**. São Paulo: Unesp, 2002, p.161.

<sup>28</sup> *Ibidem.*, p.162.

<sup>29</sup> POPPER, K. O mito do contexto. Em defesa da sociedade e da racionalidade. Lisboa: Edições 70, 2009, p. 92.

<sup>30</sup> POPPER, K. O mito do contexto. Em defesa da sociedade e da racionalidade. Lisboa: Edições 70, 2009, p. 92.

<sup>31</sup> HAACK, Susan. **Filosofia das lógicas**. São Paulo: Unesp, 2002. p.159.

<sup>32</sup> *Ibidem.*, loc.cit.

absolutista porque insiste que “há uma tal coisa como a verdade objetiva à qual a investigação científica aspira”<sup>33</sup> ainda que não se alcance a verdade, essa idéia passa a ser um ‘ideal regulador’, “[...]deve ser possível dizer, quando uma teoria substitui outra, se a ciência está se aproximando da verdade[...]. A solução de Popper é a extensão das idéias de Tarski na teoria da ‘verossimilhança’ ou semelhança-à-verdade”<sup>34</sup>. Esta extensão de Popper sofrerá, entretanto, críticas próprias, por exemplo: não se aplica a comparações entre teorias que sejam ambas falsas.

Em grande medida por isso esta pesquisa optou seguir o caminho do *fundacoerentismo* de Haack por ser dentre as teorias intermediárias a que melhor atende exigências num contexto de complexidade, de múltiplas fontes de informação; mas, também, por explicar como pode ser ter “verdades” num determinado ponto, que se mostrem, posteriormente, equivocadas por conta de outros elementos que são “descobertos” nos diferentes ramos de investigação humana e que, por sua natureza/foco, “amadurecem” em momentos diferentes.

Nessa teoria intermediária (chamo-a, mais exata do que eufonicamente, de “fundacoerentismo”), o modelo para a estrutura da evidência não é, como a maior parte da epistemologia recente tem suposto, uma prova matemática, mas um jogo de palavras cruzadas. Pensei pela primeira vez nas palavras cruzadas quando, buscando um caso em que o apoio mútuo não fosse de modo claro viciosamente circular, percebi que a distinção entre as pistas e as entradas já completadas era paralela àquela entre a evidência experiencial e as razões. No devido tempo, percebi que a analogia sugere também de que modo o desacordo profundo sobre as crenças prévias dará origem à divergência sobre qual evidência conta como relevante. Se você e eu estamos trabalhando nas mesmas palavras cruzadas e já preenchemos entradas longas e centrais, provavelmente divergiremos sobre se o fato de que essa proposta de solução para uma entrada intersecta termina com um ‘F’ torna-a mais ou menos razoável. De modo similar, se você e eu temos crenças prévias significativamente diferentes, provavelmente discordaremos sobre o que constitui a evidência a favor ou contra as proposições relacionadas. No entanto, no caso das palavras cruzadas, você e eu estamos ambos preocupados com o ajuste da entrada em questão em relação à sua pista e a outras entradas já completadas (e mais, estamos ambos preocupados com o quão independentemente razoáveis aquelas outras entradas são e o quanto das palavras cruzadas já foi completado); e, no caso epistêmico, estamos ambos preocupados com o ajuste da proposição em questão em relação à evidência experimental e às crenças prévias (e mais, estamos ambos preocupados com o qual independentemente seguras tais crenças prévias são, e com o quão compreensiva a evidência é). Não há qualquer relatividade real dos padrões da evidência, embora as divergências nas crenças prévias e as divergências consequentes sobre a qualidade da evidência possam fazer com que pareça que há.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> HAACK, Susan. **Filosofia das lógicas**. São Paulo: Unesp, 2002, p.163.

<sup>34</sup> *Ibidem.*, p. 162.

<sup>35</sup> HAACK, S. Manifesto de uma moderada apaixonada. Ensaio contra a moda irracionalista. Rio de Janeiro: Loyola, 2011, p. 227-229.

### 2.2.2.2 *Porque não teorias da linguagem?*

A pesquisa não negou a importância da linguagem, que é inclusive trabalhada no “*fundacoerentismo*”, assim como na *Teoria simbólica* de modo muito natural; por outro lado, elas não se mostraram atraentes como resposta à pergunta que esta pesquisa se propôs a responder. Isto porque não foram encontradas razões para suportar que toda a questão do sujeito, do objeto, da relação, enfim, do conhecimento, e da trajetória humana possa se resumir à linguagem. Mas, também porque, em geral, teorias da linguagem passam pela separação do biológico e do social, e há uma forte razão para se considerar isso equivocado sendo necessário adiantar alguns dos argumentos de Norbert Elias para tal enfrentamento; e, com isso se enfrenta de soslaio mais com as mesmas argumentações, as posições defendidas por Weber, Parsons, e Habermas.<sup>36</sup>

Uma língua só pode funcionar enquanto tal se os indivíduos pertencentes a uma unidade de sobrevivência actual ou passada utilizarem e compreenderem os mesmos padrões sonoros como representações simbólicas dos mesmos tópicos de comunicação. Isto é conseguido, uniformemente, através da educação. Em regra, as crianças aprendem muito cedo a lembrarem-se de quais os tópicos de comunicação que, na sua sociedade, são representados simbolicamente por padrões sonoros específicos.<sup>37</sup>

A Teoria de Elias reconhece que a língua estimula a integração do grupo, mas que, ao mesmo tempo, exige um determinado grau de interação do grupo. Por outro lado, o que se sustenta na esteira de Elias é que “Em qualquer caso, um grupo de pessoas que falam uma língua existe antes do ato da fala individuais de carácter comunicativo ou de outro tipo. É como se fosse o protótipo de um processo sem começo.”<sup>38</sup>

Se todos os seres humanos, para se tornarem plenamente humanos, têm de aprender uma língua pré-existente, não devemos concluir que a língua tem uma existência extra-humana, que existe, num certo sentido, independentemente de todos os seres humanos? Que uma determinada língua tem um grau de independência e de autonomia em relação a qualquer indivíduo particular é fácil de observar. Se um anglófono utilizar arbitrariamente a língua inglesa, a função comunicativa da língua é prejudicada e pode, eventualmente, desaparecer. A força vinculativa que uma língua tem em relação aos seus utentes individuais não é o resultado de uma existência extra-humana, quase metafísica, da língua, mas sim do facto de que a língua perde a sua função e, aliás, o seu carácter como língua, se for compreendida apenas por um falante. Para serem operativos como língua, os padrões sonoros de uma língua devem ser compreendidos por outros seres humanos para além de um determinado locutor individual. A força vinculativa de uma língua tem a sua raiz no

---

<sup>36</sup> ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994, p. 20-22

<sup>37</sup> *Ibidem.*, p.54

<sup>38</sup> *Ibidem.*, p.22.

facto de representar um cânone unificado de fala que deve ser observado por todo um grupo de pessoas a fim de manter a sua função comunicativa.<sup>39</sup>

Assim, não só a antecedência lógica do grupo à língua conduziu à procura por alternativas teóricas; mas, teorias da linguagem foram afastadas como instrumental e optou-se pelo *fundacoerentismo* seja porque além dessa posição assimilar as posições das teorias da linguagem, resolve, com vantagens, os problemas que estas enfrentam com a separação do biológico e do social. No tópico seguinte é fornecida uma síntese bem apertada de alguns argumentos que se considerou também relevantes para essa tomada de decisão.

#### ***2.2.2.2.1 Argumentos a favor do 'fundacoerentismo'.***

A técnica de palavras cruzadas permite o manejo de dados 'demonstrados' e 'verossímeis', que podem ser usados com grande margem de segurança, já que, usando as palavras de Haack, "preenchemos entradas longas e centrais". Isso possibilita o uso de uma grande gama de dados de diferentes ciências, que se encontram em estágios de desenvolvimento diferente, de maneira tópica. Tal critério se adequa ao discurso demonstrativo e ao argumentativo. Também torna a resposta mais exposta à uma gama maior de críticas que podem frequentemente promover correções necessárias. As respostas são encontradas 'em processo' e para tal são usados símbolos nos mais diversos campos do saber.

De tais características, ou seja, entender a verdade em processo e superar as teorias da linguagem, fazendo uma varredura teórica em propostas de análise de larga escala como as de Hegel e de Comte, se fez a passagem, por perfeita adequação, às teorias simbólica e do processo civilizatório, ambas de Norbert Elias.

### **3 TEORIA SIMBÓLICA E DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO DE NORBERT ELIAS**

Partindo do *fundacoerentismo* de Susan Haack, e procurando uma posição epistemológica que permita uma observação de todas as nuances por ela destacada, verifica-se que a Teoria de Elias se mostra adequada para tanto. Isso porque em ambas entendem que há um processo na determinação de posições e "entradas". Admitem a argumentação no preenchimento de lacunas, aumentam a precisão pela flexibilidade, e promovem ganhos de profundidade e amplitude por sua abordagem plural. E ambas admitem a comunicação de sendas do conhecimento antes seccionadas, como a biologia e a psicologia ou sociologia. Isto é trabalhado com vários níveis de síntese; e não de maneira estática, mas dinâmica.

---

<sup>39</sup> ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994, p.22.

### 3.1 O CONCEITO DE SÍMBOLO DE NOBERT ELIAS

Os símbolos não são imagens ou espelhos do mundo; também não são janelas ou cortinas. Eles não tem uma função imitativa e pictórica, mas sim representacional. Representam objectos de comunicação no interior de uma comunidade linguística pela simples razão de que a natureza humana prepara a criança em desenvolvimento para uma impregnação com uma língua colectiva e de que a tradição social tornou padrões sonoros específicos nos representantes de objetos de comunicação específicos.<sup>40</sup>

### 3.2 VANTAGENS COMPARATIVAS DA POSIÇÃO DE ELIAS E ELEMENTOS DA SUA TEORIA.

Há uma significativa vantagem no manejo da Teoria simbólica; o primeiro deles é que a natureza do que se entende como “significado” deixa de ser um mistério. É que o fato de as palavras possuírem um significado pode parecer, facilmente, um mistério, caso se tome como quadro de referência os indivíduos isolados.

Com base nesta suposição, seria inexplicável o facto de os padrões sonoros de uma língua representarem simbolicamente os mesmos dados ou, por outras palavras, possuírem o mesmo significado para diferentes indivíduos. No atual estágio, é necessário um grande esforço de auto-distanciamento para compreender que o ponto de partida para as explorações deste tipo não é o próprio indivíduo concebido como uma pessoa isolada, mas sim as formações sociais, configurações que são formadas por uma pluralidade de seres humanos, por outros e por nós próprios. Se tal for compreendido, a natureza do significado deixa de ser um mistério.<sup>41</sup>

A Teoria de Elias defende que as pessoas se desenvolvem em um mundo. E que as suas funções cognitivas evoluíram num contato contínuo com os objetos a ser reconhecidos, e com outros indivíduos. O seu caráter inovador reside na análise dos sistemas de conhecimento e dos modelos de comportamento enquanto quadros de experiência socialmente produzidos.

Logo, desafia não só posições individualistas, que consideram “o sujeito” isolado, mas, também a dúvida-base de Descartes em seu racionalismo extremo, encarando-a na atual quadra como ‘fábula’, na medida em que ela sugere que as funções cognitivas dos seres humanos se desenvolveram inicialmente por si próprias, independentemente de um mundo a ser reconhecido e que os seres humanos, tendo se desenvolvido inicialmente durante algum tempo sem qualquer objeto de cognição, entraram, como por acidente, num mundo diferente.

Os seres humanos não entraram no mundo como estrangeiros, assevera. O sujeito e o objeto fazem parte do mesmo mundo, diz Elias; e, ele ainda completa:

[...]... o aparato cognitivo que é admitido para os seres humanos e a incerteza transcendental que lhe está ligada, em contraste com a linguagem e o conhecimento,

---

<sup>40</sup> ELIAS, Norbert. Teoria simbólica. Oeiras: Celta Editora, 1994. p. 92 *et seq.*

<sup>41</sup> *Ibidem.*, *loc. cit.*

não são apresentados apenas como completamente imutáveis, mas também como produtos de um outro mundo que se formaram num completo isolamento face aos seus objetos. Os antipodas filosóficos sujeito e objeto e todas as suposições deles derivadas são totalmente estáticos. São, geralmente, elaborados num molde não processual. [...] Quando os dados que só são observáveis como mutáveis, como acontecimentos numa condição de fluxo, são apresentados na simbolização científica como totalmente inalteráveis e não processuais, somos, inevitavelmente, confrontados com problemas fantasmáticos que não admitem solução.<sup>42</sup>

Elias considera o indivíduo inserido dentro de uma unidade de conservação, e ambos, indivíduo e unidade, como parte da natureza e esta, por sua vez, fazendo parte de um universo. Ele estabelece níveis diferentes de síntese e, em níveis mais elevados, até o conceito de tempo, como se verá, é exposto. A posição epistemológica que sugere é a capaz de compreender a natureza e o universo. Por isso o distanciamento, porque que evidencia estas sínteses; e também por isso é que se diz que sua construção opera em cinco dimensões.:

A evocação deste tipo de distância de tempo não é, além disso, uma especulação inútil e sem relevância para os seres humanos. Sem uma referência a este tipo de distância de tempo, os seres humanos não podem compreender-se correctamente a si próprios. Sem ela, a sua auto-imagem permanecerá, possivelmente, aprisionada na batalha entre os defensores de duas alternativas igualmente infundadas. Uma delas, defendida pelos biólogos, é a visão de que os seres humanos são animais à semelhança de outras criaturas animais. Ela justifica a transferência para o caso dos seres humanos de conclusões retiradas de experiências com animais e legitima a biologia como a ciência humana básica. Implica um processo evolutivo numa linha recta, talvez numa linha de avanço constante.

A segunda alternativa postula, explicitamente ou não, uma descontinuidade ontológica do processo evolutivo. Os seus defensores podem aceitar ou não a teoria da evolução e a evidência que a fundamenta. Seja como for, eles falam e pensam de uma forma que sugere um mundo dual dividido em dois modos de existência tal como o corpo e a mente. De acordo com esta visão, os seres humanos originaram-se, parcial ou integralmente, em completa independência face ao processo evolutivo. Esta concepção implica, em outros termos, uma descontinuidade absoluta entre os animais e certos aspectos dos seres humanos como a alma e a razão. Sem referência à escala temporal exigida pelas mudanças evolutivas, é difícil compreender que os seres humanos emergiram a partir de antepassados animais e, no entanto, são, sob alguns aspectos, singulares e diferentes de qualquer outro animal da terra. Além disso, as suas propriedades singulares emergem a partir da sua herança animal e estão nela plenamente integradas.<sup>43</sup>

A teoria reconhece que “os impulsos e sentimentos, os padrões e as ações de uma pessoa podem reforçar os de outras ou desviá-los do seu objetivo inicial”<sup>44</sup>, mas, também, reconhece que “elas [as pessoas] podem partilhar o mesmo código de comportamento e ser, no entanto adversárias”<sup>45</sup>; assim, o que ele coloca como aquilo que largamente individualiza o ser humano é a sua grande capacidade de mudar o seu modo de vida. Informa Elias que o aspecto mais básico da espécie humana é a capacidade quase ilimitada dos grupos humanos

---

<sup>42</sup> ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994. 99-100

<sup>43</sup> *Ibidem.*, p. 31-32.

<sup>44</sup> *Passim*.

<sup>45</sup> *Passim*.

para absorver, armazenar e dirigir experiências novas sob a forma de símbolos. Em virtude dos seus atributos evolutivos, eles podem desenvolver-se socialmente.<sup>46</sup> Elias propõe uma distinção entre os termos: evolução e desenvolvimento. Reconhece que ambos os processos se baseiam na transmissão de meios de sobrevivência entre gerações e nas suas transformações, algumas das quais permitem melhorar as possibilidades de sobrevivência<sup>47</sup>; mas, ele afirma que o que é transmitido e o modo como é transmitido difere significativamente nos dois casos.

No caso da evolução, o instrumento principal de transmissão é uma estrutura orgânica designada 'gene'. No caso do desenvolvimento, o instrumento principal de transmissão e transformação são os símbolos no sentido lato da palavra, incluindo não só o conhecimento, mas, também, por exemplo, os padrões de comportamento e de sentimento. Inicialmente a transmissão entre as pessoas através da língua foi a sua principal forma. [...] A evolução biológica que tornou possível e necessário que os seres humanos adquirissem os seus principais meios de comunicação com os seus semelhantes através da aprendizagem individual permitiu também que estes meios de comunicação pudessem transformar-se sem transformações biológicas, que pudessem, por outras palavras, desenvolver-se.<sup>48</sup>

A Teoria simbólica trabalha com uma unificação, ou melhor, com a inserção da “sociedade” na “natureza”; observa que nas discussões científicas esses termos são, por vezes, utilizados como se estes dois campos de investigação fossem exclusivos e antagônicos; destaca que a premissa implícita parece sugerir que os objetos e as condições que pertencem ao campo da natureza não podem pertencer ao campo da sociedade e vice-versa; ou seja: “Se algo é geneticamente determinado, considera-se, normalmente, que pertence ao domínio da biologia.” Por outro lado, “Se algo é adquirido pela experiência, ou seja, pela aprendizagem, considera-se, em geral, que não se trata de um problema biológico.”<sup>49</sup> A razão pela qual promove essa unificação sustenta-se na assertiva de que o potencial natural dos seres humanos jovens só pode revelar-se através de um contato apropriado com outros seres humanos. E por isso conclui que “sob alguns aspectos, a natureza humana e a sociedade humana, longe de serem antípodas, estão interligadas e são, assim, interdependentes.”<sup>50</sup>

A teoria simbólica reconhece que há a natureza, há a cultura, há o conhecimento, científico ou de outro tipo, há a política, a economia e todos os símbolos abrangentes da linguagem; mas, identifica que o modo como todos eles são coerentes entre si é uma questão que raramente é colocada e que, quase nunca recebe uma resposta definitiva. E é exatamente esta a sua contribuição, promover a possibilidade de uma unidade coerente e com isso, facilitar novas descobertas, ou seja, ter um potencial heurístico.

---

<sup>46</sup> ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**, p. 35-36

<sup>47</sup> ELIAS, Norbert. *Op. cit.*, p. 31 *et seq.*

<sup>48</sup> *Ibidem.*, p24-26

<sup>49</sup> *Passim.*

<sup>50</sup> ELIAS, Norbert. *Op.cit.*, 27

No entanto, apesar de esta confusão de símbolos desconexos parecer inevitável, não há dúvida de que, na realidade, os processos a que estes símbolos se referem estão ligados entre si e, com muita frequência, imbricados. A natureza e a cultura são um exemplo elucidativo. [...] A estrutura orgânica dos seres humanos que possibilita o conhecimento tal como possibilita a comunicação através da linguagem e, assim, a transmissão do conhecimento entre gerações. O fundo de uma língua contém, de facto, o sedimento das experiências realizadas no decurso de muitas gerações por muitos indivíduos diferentes e aí depositadas sob uma forma simbólica. Ele não só empresta uma coloração a todas as experiências realizadas pelos próprios indivíduos, mas também lhes permite reutilizar as experiências e as reflexões dos outros. Em suma, o conhecimento por meio do qual as pessoas agem sofre uma expansão explosiva se, através da aquisição de uma língua, elas estabelecerem uma ligação com o fundo de conhecimento de uma sociedade.<sup>51</sup>

Um significativo ponto de suporte da Teoria de Elias, como dito, tem raízes em Huxley, in *Uniqueness of man*<sup>52</sup>. Huxley destaca que o grande individualizador do homem é a sua capacidade de formular conceitos; e a possibilidade de grandes mudanças é que “o padrão básico da vida do grupo de uma [outra] espécie varia segundo uma amplitude muito reduzida. Não é possível observar, entre os animais, mudanças de uma dimensão comparável àquelas que existem entre uma estrutura feudal e uma capitalista...”<sup>53</sup>

O crescimento e decadência social, uma longa linha de integração de um nível para outro, da tribo para o império e do império para a desintegração feudal, podemos observar num período de tempo que é breve em termos de evolução biológica. Tudo isto são, de facto, exemplos da mudança social no interior da mesma espécie, a do homo sapiens. As grandes mudanças das sociedades animais têm uma fundamentação biológica; são sinais de mudanças genéticas. No caso das sociedades humanas, uma grande mudança social, como a da tribo para o império, pode ocorrer sem qualquer mudança biológica. Os representantes de diferentes estádios do desenvolvimento social podem entrecruzar-se.

A separação segundo a origem permite facilmente, como se observou, a passagem do social para o biológico sem prejuízo observáveis. Entretanto, Elias critica as Teorias Evolucionistas populares, observando que “longe de ser antiquada está, nas suas condições atuais, a atravessar, muito provavelmente, uma das fases iniciais de sua carreira.”<sup>54</sup> Ele diz o mesmo, em relação a outras tentativas de elaboração de modelos teóricos de processos de longo prazo, situados em um nível de síntese mais elevado.

A tentativa de Hegel para estabelecer uma síntese do desenvolvimento das ideias no contexto europeu e o modelo de Comte sobre a sequência dos estádios de desenvolvimento do conhecimento são exemplos característicos. De uma posição distante, podemos ver, mais claramente, que estas tentativas de síntese do desenvolvimento de longo prazo do conhecimento foram feitas, de algum modo, prematuramente. Foram feitas numa época em que os dados empíricos e o

---

<sup>51</sup> ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994, p. 92

<sup>52</sup> Cf.: HUXLEY, Julian Huxley, **The Uniqueness of Man**. Man in the Modern World. New York: Mentor, 1947.

<sup>53</sup> ELIAS, *op.cit.*, p. 32

<sup>54</sup> *Ibidem.*, p. 90

equipamento conceitual disponíveis para construir modelos globais do processo a longo prazo do conhecimento humano eram ainda muito inadequados para realizar tal tarefa. A elaboração dos primeiros modelos de síntese baseou-se, largamente, na inspiração. Nos séculos seguintes, o trabalho desses dois homens serviu, muitas vezes, como exemplo dissuasivo indicando que, no campo do conhecimento, as tentativas de síntese dos processos de longo prazo estão condenadas a fracassar.<sup>55</sup>

O modelo teórico de processo de longo prazo trabalha com a noção de “processo sem começo”, que é um conceito dinâmico. Sustenta que processos há cujos começos não são e dificilmente serão identificados, não só em termos evolutivos, mas, também civilizatórios.

Para além de três ou quatro espécies de macacos, nenhum membro desta linha de descendência, com a excepção dos seres humanos, sobreviveu à luta pela sobrevivência. Os macacos sobrevivem à luta muito precariamente, enquanto os seres humanos emergem cada vez mais claramente como a espécie dominante da Terra. Mas as propriedades que permitem a sua posição no contexto da luta em curso estão longe de ser claras. Em vez de ser reveladas, elas são ocultadas por palavras do senso comum como "intelecto" ou "mente". São ocultadas também pelo desaparecimento do mundo dos seres vivos de todos os representantes dos estádios intermédios entre as espécies não humanas e a espécie humana. As contingências da luta, que permitiu que apenas os seres humanos e algumas espécies de macacos sobrevivessem, criaram uma imagem muito limitada sobre a ascendência humana. Criaram a impressão de que os antepassados imediatos e mais animalizados dos seres humanos pareciam e se comportavam como macacos. Actualmente, não temos qualquer ideia sobre os passos evolutivos intermédios que levaram dos sons largamente inatos e específicos da espécie, que fazem parte do equipamento de comunicação conhecido dos animais, até ao equipamento biológico que permite adquirir o equipamento representacional da linguagem com o auxílio de um processo de aprendizagem pessoal. O desaparecimento no grupo das espécies vivas de todos os representantes dos estádios intermédios entre os sons mais habitualmente específicos das espécies, que ajudam as outras espécies a comunicar, e a forma humana de comunicação representacional e socialmente padronizada torna difícil conjecturar sequer sobre o modo como a nova técnica de comunicação emergiu. [...] O desaparecimento de elos intermédios não se limita, certamente, aos antepassados dos seres humanos. É uma característica comum da descendência animal. A linha de descendência dos cavalos, cujos representantes ungulados contemporâneos foram precedidos por animais de quatro patas equipadas com dedos, é um exemplo bem conhecido do desaparecimento de elos intermédio.<sup>56</sup>

A dificuldade de se conceber a ideia de processo sem começo está na Teoria de Elias intimamente ligada, também, à noção de *tempo*. Nos mais altos níveis de síntese em que sua teoria opera, o conceito de tempo desaparece; para ele, tempo serve de ‘conector’ de eventos. “Tempo não é coisa “no espaço-tempo”.<sup>57</sup> Não existe nele uma simples relação, mas uma operação de estabelecimento de relação. O *tempo* designa simbolicamente a relação que qualquer grupo de seres vivos dotado de uma capacidade biológica de memória e síntese estabelece entre dois ou mais processos, um dos quais é padronizado para servir aos outros como quadro de referência. Relacionar diferentes processos sob a forma do ‘tempo’ implica,

---

<sup>55</sup> ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994. P. 90

<sup>56</sup> *Ibidem.*, p. 26-27

<sup>57</sup> ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p.39-41 et seq.

pois, a ligação de pelo menos três conjuntos contínuos: os sujeitos humanos, autores do estabelecimento da relação, e dois (ou mais) processos, dentre os quais um, para determinado grupo, desempenha o papel de conjunto de padrão e quadro de referência.<sup>58</sup>

Os grupos humanos são capazes de recolocar e de vivenciar os acontecimentos na dimensão do tempo, na exata medida em que, por um lado, dentro de sua vida social colocam-se problemas que requerem uma determinação social, e, por outro, sua organização social e seus conhecimentos lhes permitem utilizar uma série evolutiva como quadro de referência e padrão de medida para outra.<sup>59</sup>

Elias vê as relações temporais como relações de níveis múltiplos e grande complexidade. Reconhece que “Não é fácil tomar distância não apenas das conhecidas metáforas reificadoras do tempo”; mas, para a posição epistemológica que sustenta perceber a natureza do tempo é imprescindível e serve de suporte para a compreensão de sua noção de “processo sem começo”.

Esse modelo implica uma espécie de Rubicão: supõe realizada a travessia biológica para um nível em que os organismos são capazes de erigir seus próprios sinais em principal meio de comunicação. O universo, até então quadridimensional, dá origem a uma quinta dimensão. Começa a aventura especificamente humana, isto é, a criação de um universo social em que a comunicação se efetue graças a símbolos que podemos aprender, aperfeiçoar e multiplicar. [...] Processo lento, feito de transformações sociobiológicas, e de nos concentrarmos nas transformações de caráter sócio-simbólico ocorridas no interior de um quadro biológico inalterado, ou cujas mudanças são lentas comparadas às da esfera social, que podem ser desprezadas. [...] Dentre as diversas maneiras de ligar os acontecimentos que nos parecem evidentes, quais estavam ao alcance dos homens desprovidos de qualquer bagagem de saber? [aqui ele faz referência a conceitos de ‘causa e efeito’, ‘natureza e leis da natureza’, ‘substância’ ou ‘espaço e tempo’?] [...] Sinais expressivos aparentemente inatos, que desempenham na comunicação um papel cada vez maior, à medida que vamos subindo na comunicação um papel cada vez maior, à medida que vamos subindo na escala de evolução. Mas eles possuíam tão somente a capacidade. E não havia ninguém com quem pudessem aprender. Biologicamente falando, se assim podemos expressar-nos, o Rubicão fora atravessado. Eram seres humanos por inteiro, mas, no que diz respeito aos conceitos, partiam de uma *tabula rasa*. Todos os saberes que eram capazes de adquirir, todos os sinais aprendidos que eram passíveis de desenvolver teriam – essa é a nossa hipótese – que ser elaborados por eles mesmos, a partir de sua própria experiência. [e ele segue, criticando *a priori*, falando da razão e do espaço de uma geração].<sup>60</sup>

Passado o “rubicão” e operando em um alto nível de síntese e entendendo a natureza do tempo, a construção de Elias reconhece o *tempo*, dependendo do nível que se opere, como um tecido abrangente capaz de favorecer enormemente o estabelecimento de congruência, incrementando a questão da sobrevivência, na medida em que:

---

<sup>58</sup> ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p.39 *et seq.*

<sup>59</sup> *Passim*.

<sup>60</sup> ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 49-50

Os grupos humanos são capazes de recolocar e de vivenciar os acontecimentos na dimensão do tempo, na exata medida em que, por um lado, dentro de sua vida social colocam-se problemas que requerem uma determinação social, e, por outro, sua organização social e seus conhecimentos lhes permitem utilizar uma série evolutiva como quadro de referência e padrão de medida para outra.<sup>61</sup>

O que ele sustenta é que “se os símbolos de uma língua não fossem, até certo ponto, congruentes com a realidade, com os dados que eles representam, os seres humanos não poderiam sobreviver.”<sup>62</sup> E neste ponto há uma perfeita compatibilidade com o *fundacoerentismo* de Susan Haak, na medida em que mesmo que não haja uma correspondência exata do símbolo com o que na realidade existe ou se passa como conforme propõe o *fundacionismo*, as diversas “entradas” do *crosswords puzzle* dão coerência e acabam por representar, pelo menos minimamente, o que efetivamente é; e o fundo das alegações de ambas as teorias também coincidem com o acordo inicial da argumentação que se ofereceu, ou seja, se esse modo de operar fosse ineficiente, os seres humanos não teriam sobrevivido.

### ***3.2.1 A Teoria de Elias para outras grandes narrativas tais como: a guerra e a paz.***

A construção de Elias também coloca em destaque não só a sobrevivência, mas, também as possibilidades que foram e podem ser alcançadas com o manejo dos símbolos, e a aptidão do ser humano em “seguir regras”. Isso se mostrou eficiente tanto para uma análise macro mas, também para outras, que podem ser visualizadas em um nível de síntese mais baixo, como p.ex. a política. Isso porque sua teoria explica os diferentes estágios de civilização segundo as aptidões de auto-disciplina. Isso fica melhor explicado em seu “processo civilizador<sup>63</sup>”, onde coloca no centro da evolução humana a passagem de mecanismos de coação externa para mecanismos de autocontrole.

Se, para descrever um processo civilizador, quisermos evitar o recurso a polaridades estáticas, do tipo "civilizado" e "incivilizado", deveremos utilizar expressões como "mais" ou "menos civilizado", que permitem imaginar que a autodisciplina seria um dado quantitativo, passível de aumentar ou diminuir. Seguindo essa linha, podemos ser levados a supor que, nos estágios iniciais da evolução social, as comunidades humanas viviam com modelos sociais e individuais de autodisciplina e auto-regulação que eram, se não inexistentes, ao menos quantitativamente modestos. Com isso, podemos imaginar que o nível de autodisciplina é, por assim dizer, a única coisa que se modifica ao longo do processo civilizador. [...] a auto-regulação "temporal" com que deparamos em quase todas as sociedades avançadas não é um dado biológico, ligado à natureza humana, nem tampouco um dado metafísico, ligado a algum a priori imaginário, porém um dado social, um

---

<sup>61</sup> ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 49-50

<sup>62</sup> *Ibidem.*, p. 97

<sup>63</sup> Cf.: ELIAS, N. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

aspecto da evolução social da estrutura de personalidade, que, como tal, torna-se parte integrante da individualidade de cada um.<sup>64</sup>

Ou seja, segundo sua teoria se poderia inclusive compreender em que estágio civilizatório estaria p.ex. uma unidade de sobrevivência. Isso partindo da aptidão de “seguir regras”. Essa aptidão aliada à questão social que diz “que regras” permitiria uma análise bem eficiente, mesmo em termos políticos, porque em alguma medida para conduções sociais seguir regras é algo constante; transpondo essa assertiva, p.ex. para uma análise de uma realidade mais político-jurídica e mais atual, seria possível classificar as sociedades segundo a fórmula política “Estado de Direito”, ponto que, *per se*, mereceria uma pesquisa específica.

Elias sustenta esta aptidão e tal conclusão é fruto de seu método de separar na origem o que é biológico do que é social no ser humano; mas, essa separação se prestou a algo mais, permitiu identificar, p.ex. como imutável nos seres humanos e em outros seres o que já foi verificado em termos sociais acerca da “agressividade”, no sentido mais lato da palavra.

Um exemplo de um dado imutável da natureza humana é a tendência a reagir a situações de conflito através da chamada "reação de alarme". Trata-se de uma reação que o homem mais ou menos compartilha com outras espécies vivas. A percepção de um perigo, de um conflito com seres animados ou manimados, desencadeia mecanismos automáticos inatos que colocam o organismo sob tensão, como que o preparando para a luta ou a fuga. Nesse ponto, estamos diante de um modelo de reação inata que foi objeto de estudos fidedignos, e que pode facilmente conduzir à idéia de uma agressividade inata. Na verdade, porém, essa elevação automática do nível de tensão, que prepara o organismo para responder de maneira rápida, adequada e enérgica a uma situação de perigo, é muito menos específica do que sugere o conceito de agressividade. Há um hábito antiquíssimo da humanidade, o de resolver os conflitos entre clãs ou nações através dos massacres mútuos a que chamamos "guerra", que deve ser distinguido desses dados biológicos universais. A hipótese de que os homens seriam incapazes de resolver seus conflitos por outros meios que não as guerras não é corroborada por nenhuma prova.<sup>65</sup>

Não é a proposta do artigo esgotar todas as posições da Teoria de Elias. É apenas feito um breve apanhado do que, efetivamente, se apresenta como vantagem para o uso de sua construção para grandes análises, em relação as disponíveis.

#### **4 VANTAGENS DAS TEORIAS DE ELIAS E CONCLUSÃO.**

Na medida em que a Teoria de Elias encara a análise dos sistemas de conhecimento e dos modelos de comportamento enquanto quadros de experiências em processo e socialmente

---

<sup>64</sup> ELIAS, Norbert. **Condição humana: considerações sobre a evolução da humanidade por ocasião do quadragésimo aniversário do fim de uma guerra (8 de maio de 1985)**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1985, p. 118.

<sup>65</sup> *Ibidem.*, p. 19.

produzidos - opondo-se à correntes individualistas - são apresentadas as seguintes vantagens de sua posição epistemológica para análise de grandes narrativas:

- a. Resolve a questão do “significado”, que fica sem resposta quando se analisa a questão tomando como quadro de referência os indivíduos isolados.
- b. Posiciona o ser humano no interior de um mundo, explicando a evolução de suas funções cognitivas no contato contínuo com os objetos e com outros indivíduos.
- c. Confere, por seu distanciamento, a possibilidade dos seres humanos compreenderem-se corretamente a si próprios, independentemente das alternativas que se siga – biológica, ou a da descontinuidade ontológica do processo evolutivo.
- d. Faz desaparecer a ‘fronteira’ que a biologia e a sociologia sói estabelecem entre o natural e o social, o que promove ganhos efetivos na medida em que se amplia tanto num campo como no outro os referenciais que compõem os “*cross words puzzles*”, o que reflete diretamente na determinação e verificação das ‘certezas’, o que facilita a orientação e, no limite, a própria sobrevivência da espécie.
- e. Possibilita o estabelecimento de coerência entre símbolos abrangentes da linguagem, o que lhe confere um enorme potencial heurístico.
- f. Esclarece como se operam as mudanças de estádios de tribos, clãs, impérios, Estados nacionais, e como diferentes estádios de civilização podem coexistir, permitindo, inclusive uma comparação segundo o critério de auto-disciplina dos povos.
- g. Sua noção de “processo sem começo” assume uma posição franca em relação a uma série de questões que são colocadas à margem de discussões mas que têm desdobramentos significativos; ao mesmo tempo em que, se não oferece, como se imagina, uma certeza inexorável, é no mínimo verossímil.
- h. Permite num incontável número de vezes, identificar a natureza de conceitos que muitas vezes são entendidos apenas parcialmente, como “tempo”.

Por tais razões, este artigo sustenta argumentativamente que a melhor posição epistemológica na filosofia ocidental dentre as que trabalham com argumentos de fundo e não de forma para a análise de grandes narrativas, na atual quadra da história, é aquela proposta por Norbert Elias, que analisa a questão em cinco dimensões.

## Referências

- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- COELHO, Fabio Ulhoa. Prefácio. In: PERELMAN, CHAÏM. **Tratado da Argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIAS, Norbert. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- \_\_\_\_\_. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- \_\_\_\_\_. **Condição humana: considerações sobre a evolução da humanidade por ocasião do quadragésimo aniversário do fim de uma guerra (8 de maio de 1985)**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1985.
- HAACK, Susan. **Filosofia das lógicas**. São Paulo: Unesp, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Manifesto de uma moderada apaixonada. Ensaio contra a moda irracionalista**. Rio de Janeiro: Loyola, 2011.
- HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HUXLEY, Julian Huxley. **The Uniqueness of Man. Man in the Modern World**. New York: Mentor, 1947.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**.
- MARQUES NETO, A. R. **A ciência do direito: conceito, objeto, método**. 2.ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
- NOZICK, Robert. Invariances. *The structure of the objective world*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- POPPER, Karl. **O mito do contexto. Em defesa da sociedade e da racionalidade**. Lisboa: Edições 70, 2009.